

Magno 1

9

A GRINALDA.

VOL. I. N. 1.

JORNAL DOS DOMINGOS.

DOMINGO 23 DE JULHO DE 1848.

Na lida da humana vida
Deve por-se de permeio,
P'ra suavisar o trabalho,
A distracção e o recreio

A GRINALDA Subscreve-se nas lojas de papel dos Srs. Cardozo & Comp.^o, ruá do Ouvidor n.º 91; Passos na mesma, rua n.º 132; Teixeira & comp.^o rua dos Ourives n.º 21, a 2.000 rs. por 12 numeros, avulso 200 rs.

PROPECTO.

quasi sempre o prospecto de cada Jornal a pagina dos prometimentos, dos quaes bem poucas vezes se chega a ver a realização; e não querendo nós peccar no mesmo defeito, por isso que, como tal o reconhecemos, e não desejando, outro sim, avançar-mos futuros, visto que elles para nós são mysterios, nada promettemos, nada afiançamos apezar de nutrir-mos os mais fervorosos desejos. De nossos assignantes depende tão somente o progresso da empreza que concebemos; elles sabem, melhor que ninguem, quanto é ardua a tarefa do folhetinista, elles sabem mui bem com quantas dificuldades se tem de lutar para poder progredir um Jornal, pois bem, baja a perseverança da parte dos nossos leitores e a *Grinalda* marchará na escala do aperfeiçoamento e talvez que chegue a perfectibilidade. Franca é a liingoagem que costumamos a empregar, e por isso em alto e bem som confessamos: com elles poderíamos nós conseguir a realização do nosso projecto, sem elles nada ousaremos prometter.

No meio das fadigas diurnas, a distracção é uma das necessidades da vida humana, e que entretenimento seria mais proveitoso ao homem do que aquelle que tende a illustrar o espirito?.

O jornalismo no Brasil tem desenvolvido ultimamente uma especie de vigor; porem os nossos foliuearios se tem deixando submergir na politica do que nao pôde resultar grande vantagem para a Litteratura.

A *Grinalda*, pois, composta de flores diversas, espalhará um aroma mystificado, que deve necessariamente agradar ao olfato d'aquelle que com ella sympathisarem. E' à *Grinalda* de emmurchaveis flores o emblema que deve ornar a fronte d'aquelle que se avantajarem na carreira da Litteratura, e, é esse o mesmo emblema que deve tornar radiante o semblante d'aquelle que tiver cooperado para a existencia de uma empreza, cujo resultado dá, ainda que pequenino, um interesse para o paiz. Ella sahirá todos os domingos guarneida de bellos artigos que possão offerecer um agradavel passatempo; e conta, desde já, com a coadjuvação d'aquelle que se prezão amantes das bellas-letras.



M He

VOLUME I.

63

IMERISA.

(ROMANCE.)

POR

JOSE' ANTONIO DO VALLE.

Ella, tão sô, não podia existir sem o amor de um poeta.

I

ELLA!...

Coitadinha!... Como ella dorme socegada! como respira; um halito tão odorifero! He, sem duvida, o seu peito um jardim de flores delicadas onde as fadas e os mesmos anjos vão embriagar-se de deliciosas inspirações. Como é tão mimosa a sua face!... duas papoulas, dous cravos, duas rosas... sim, são duas rosas, que estão frescas e brilhantes sobre as suas faces de neve! A esta parte, nunca vem o desdem tingir com a sua cor de perpetua rôva, nem a raiva e o medo emprestar-lhe o pallor do mal-me-quer; e a alma, que ella representa, nada tem que queixar-se d'ella, porque não acharia mais fiel amiga, mesmo si a procurasse no ceo. E os labios! Como são tão finos! Tem a cor purpurina da nuvem que se reclina por diante do sol, na hora do occazo, em nosso horizonte. Elles se-moverão, murmuraram um nome... quem sabe que nome foi este?!

— Porque o não repetes? anjo do ceo, porque o não murmuras outra vez?

E ella me não respondeu; está socegada e placida no somno do innocent. Agora não sonha; o seu anjo, vendo que eu velava sobre ella, deixou-a e foi deitar-se também, no seio de Deus. Como é o seu corpo delgado e tão bemfeito! Quem seria o architecto de tão linda máquina... e tão perfeita?... foi o Unico Creador da natureza. E não produziu elle outra obra como esta?... sim, produziu uma; e esta foi a do Archanjo, que de perto lhe diz as preces dos Christãos, levados pelos anjos, e recebe de suas mãos imediatamente as graças para serem distribuidas pelos homeus. Como está curvada um pouco sobre a direita, sobre o seu coração!...

não quer que este predomine a sua alma, mas que seja dominado por ella. Oh!... porque me aproximei-me tanto d'ella?... a minha respiração segredou-lhe o meu amor, em seus labios, e elles, sentindo-a, se moveram.

— Torna a repetir o que dissesse; si é um segredo dos anjos, eu te juro nunca revelal-o à alguem.

E ainda dorme... nem me apraz agora o acordal-a, vou sentar-me n'aquella cadeira que ali está desolada no cantiño da alcôva, e comiteimpla de longe, porque seria um crime, um horrivel crime o continuar a misturar meu halito com o halito d'ella.

Como a nuvem vaporosa e subtil que baseja, em horas da tarde, o cume altivo do velho *Corcovado*, e que um vento do sul rude, mas fagueiro, atira pelo espaço sobre o cabeça escalvado do firme e immovel *Pão-de-assuccar*; assim a minha *nymphæ*, ou ainda melhor, o meu anjo, estava sobre as molles roupas de cambraia e debaixo de um sobre-ceo de escossia tão fina e tão alva como a neve dos *Andes* ou do mórro de *Itacolomim*; e movia-se inertemente estendendo ora um de seus bracinhos, ora cambando para o lado opposto a mais linda cabeça que a imaginação do nosso pintor Porto-alegre poderia conceber em sua mente de sogo e de poéta; esses movimentos quo pareciam sér determinados por uma brisa de uma aurora de primavera, eram tão castos e tão puros!... veudo-a então, verieis a imagem de uma virgem martyr pensando na bemaventurança dos justos, e alheiada, de todo extremada das cousas da terra. Como o passarinho deitado no seu ninho, adormecido, depois de ter gorgeiado todo o dia e prehenciondo exactamente a sua missão de cantor harmonioso dos mattos da nossa terra, assim ella descuidada não sonhava, ou si sonhava erão tão angelicos, tão magiosos e tão celestes os seus sonhos, que nós os profanos, desconhecedores do mundo virginal em que ella vive, não os podemos sentir, e menos ainda, comprehender-l-os. Como a florinha do campo abrigado pela *coxilha* dos mórros, que attrabe as borboletas voluveis e as aragens dos corregos limpidos que passão perto d'ella serpeando em um leito de *trepoeiras* e *gravatás*, assim a minha bella chama involuntaria os olhos de todos, e sempre tão inocente!... e n'esse instante mesmo, como me eu aprazia em olhar para ella... meus olhos estavam fixos.

— Si foi Dees que fez as suas creaturas, esta é a sua melhor obra!

E poderia eu duvidar de que Deos fôr o factor e o conservador de tudo?... seria isto para mim um crime horrivel... mas eu estava allucinado, tinha-me esquecido de mim mesmo. Deos é o tudo; é o creador. Mas ella não pôde deixar de ser a sua obra mais perfeita. Sorrir-se!... Eu vou aproximar-me d'ella; mas oh céos!... ella despertou. E vai agora sofrer; eu não queria que ella despertasse; queria vel-a assim mesmo por mais tempo, como um anginho do ceo, reclinada sobre as suas roupas brancas, semelhantes as nuvens de uma manhã quando o sol começa a projectar seus raios para os campos, os morros e as aguas.

Acordou-se, abriu seus dous olhos languidos e ternos e dirigiu um olhar descuidoso sobre a lâmparina que ardia em cima do marmore do toucador. Que olhos! como fallaram elles a linguagem do paraíso, como me pareceram os luzeiros que iluminarão, no fim dos séculos, a Jerusalém celeste, quando todos os filhos do Senhor Deos, reunidos em commun sociedade, dos confins da terra, glorificarem o seu poder.

— Estou ardendo de sede; dóe-me o estomago; minha mãe, tenho necessidade de l'êber.

— Tua mãe ahi vem; ella ouviu tuas queixas, porque toda a noite tem velado commigo.

— Oh, tu aqui ainda? obrigada... porque não foste dormir?

— Eu não podia dormir, e vim cuidoso velar com tua mãe, em quanto soffrias. Gostei tanto de vêr que descansas?

— Oh estive tão socegada!

Sua mãe chegou n'este instante trazendo-lhe um calix de agua goinizada, e riu-se tranquilla, porque eu não tinha um instante deixado a enferma. Era preciso levantá-la para dar-lhe o liquido a beber. Nem alguém mais ali se achava; de mim é que se devia esperar este serviço.

Sentei-me em sua cama, ergui-lhe cuidadosamente a cabeça, depois parte do corpo, e reclinei-a, para segurar-a, sobre o meu peito. Ella sentio o palpitar do meu coração; e eu senti o palpitar do coração d'ella... e dous suspiros á surto se trocaram.

O que foi que senti?

Eu não posso explicar; mas dias depois achava-me inteiramente mudado — era mais virtuoso — sabia mais — e emfim tinha já uma existencia positiva que me interessava, e que me fazia interessar pela dos outros.

Quem assim me mudou?...

Foi — Ella — a minha Imerisa.

UM LISONGEIRO DE SALÃO.

E' noite.

Uma casa existe brilhantemente iluminada; as serpentinas que ornão as mesas são cimetricamente separadas por lindissimos vasos com flores naturaes, que espalbão seus delicados aromas; um lustre está collocado no centro do salão, ao tecto prezo; guarnecido de luzes que reflectem seus raios luminosos; luzida sociedade se acha reunida, afora aquelles que, mais vagarosos, agora se vão aproximando; em summa tojas estas apparencias de galas e festivaes aprestos provão sufficientemente que boje dá, em sua casa, o Sr. *** uma bella *sorée*.

Agora me perguntareis vós, leitor: dirme-has o que nos pretendéis dizer com todo esse arrasoado? pretenderás embutir algum caso inconsequente com o titulo de novella, historia, ou romance?... Nada disto, amigo leitor, menos que isto? porém caso muito visto. Tenho em mente pintar-vos em casa do Sr. *** — *um lisongeiro de salão*—.

No meio de todos os convidados que elegantemente trajados abrillantão a companhia existe o senhor *Belleza*, atavado ao rigor da moda, é moço, bonito, bem feito, e todas estas qualidades o constituem e proclaimão — um verdadeiro typo de *bom tom*.

Prendendo a luneta ao sobrolho, elle lança a vista por esse numeroso concurso semenino e designa em seu pensamento aquellas que devem ser acommettidas das suas invectivas, e feita a escolha eil-o no seu caminho.

O senhor *Belleza*, aproximando-se da senhora D. *Experiencia*, moça elegante que se acha na sala, a julga digna para alvo de seus fingidos affectos, e começa por dizer-lhe:

— Permitir-me-ha, a Senhora a trocá de algumas palavras?

— Porque não, senhor?

— Perdoai meu atrevimento, não se me dá de apostar que sois ainda isenta do jugo conjugal?

— Teria ganho a sua aposta.

— E no entanto é uma pena...

E' sobremaneira sensivel ver que uma flor tão perfeita... tão bella... e tão amavel, não tenha ainda achado um cultor divellido que a tenha colhido para bafejal-a com o hálito de seu coração e fazer perdurar os attractivos de que é adornada?

Ainda bem para mim, que essa felicidade me pôde estar reservada; sou solteiro e a senhora me é sobremodo agradável.

— Senhor.....

— Assustais-vos? Tenho talvez tido a infelicidade de cahir no seu desagrado. Terei sido por ventura atrevido em manifestar os sentimentos que me animão a seu respeito; terei . . .

— Porém esta explicação tão inesperada . . .

— Deve, sem duvida, suprehender-vos, não é assim? porém quando vos tiver feito sentir a alteração que machinalmente tendes feito soffrer todo o meu phisico, com a vossa encantadora presença; quando conbecerdes a amisade que em meu coração se tem gerado por vós, desde o primeiro instante que meus olhos tiverão a felicidade de encarar o sol de vossos olhos . . . oh nada a admirar, nada a admirar, senhora, seria uma coisa tão natural, como . . . a ordem natural de todas as coisas.

— Eu declaro que não posso comprehendêr-vos, senhor.

— E' possivel, senhora, é muito possivel que me não tenha sabido explicar; quando me falha a eloquencia, quando a logica não me acode, fathao-me os termos e fico embrutecido . . . Ah mas eu procurarei fazer-me explicar e vós me prestareis, sem duvida attenção: dirvos-hei que sois bella . . . bella, como que? . . . bella como a extençao de todo o globo; tão bella que se a mesma Venus tivesse a infelicidade de encontrar-se cara a cara com a senhora metteria a viola no sacco e ficaria corrida de vergonha! Sois bastante apreciavel pelas maneiras urbanas e delicadas com que sabeis portar-vos nas sociedades; Sois sufficientemente instruida, por que fallaes maravilhosamente bem; e sobremaneira invejada, porque sois um prototyto de virtudes: já deveis inferir d'aqui que todas estas boas qualidades me agradaõ, enlouquecem e me fazem amar-vos . . . amar-vos! senhora, comprehendereis vós todo o valor e força d'esta phraze? . . .

— Comprehendo; porém ella para mim é estranha a vosso respeito.

— Que desventura! . . . será possivel! . . . Se avaliásseis o dissabor que estas palavras me devião causar; as afflieções que me fazião soffrer, as lagrimas que me fazião derramar; oh não terieis animo de as pronunciar, e ter-me-hias dedicado todo o vosso affecto . . . todo o vosso affecto, senhora.

— Acredito na veracidade de vossas expressões; porém que fazer? existem motivos, os quaes não sou obrigada a confess-

tar... que se oppõe inteiramente á recepção da vossa amizade.

— Ignoraes ainda o que é o amor, senhora!... Quereis que vos diga o que é o amor? é uma serpe que corrroe e devora, sem compaixão as nossas entranhas!... Quando se adora o objecto digno de nossa estima, o pensamento está grudado á pessoa que se ama e não é possível olvidal-o um só momento: admirando as bellezas da natureza, na lúa cheia, quarto crescente e minguante se vê a phisionomia da pessoa amada.

— E se vos disser que é-me inteiramente impossivel aceitar a vossa dedicação? Figurai que existo á margem do oceano, distante de mim existe uma ilha aonde estaes colocado, não existe um só baixel que possa transportar-vos até mim, e mesmo no caso de o haver, seria uma temeridade, por quanto, o mar encapellado promette absorver batel e conductores e esmagal-os debaixo de suas iradas catadupas. Ja vê que entre mim e vós existe o *impossivel*...

— Oh! se a ficção que tão maravilhosamente acabais de traçar, fosse verdadeira, verieis como eu atirando-me as vagas como um caçao, transcederia a barreira, só para tornar-me digno do vosso amor, no caso de não dár á costa.

— Ainda não tinha tido a dita de saber que nada bem; ficarei de hoje em diante reconhecendo-lhe mais esta habilidade.

— Quando eu procuro manifestar os sentimentos que nutro por vós, e o interesse que me despertaes; interesse fundado todo nas bases de uma sincera amizade, parece que zombaeis de mim!.. Oh! é horrivel! perdo-ai-me que vos diga: é horrivel, senhora!!

Aqui deu a senhora D. *Experiencia*, com gosto, uma estrondoza gargalhada, que, aturdindo o salão, chamou a atenção de algumas pessoas vizinhas. Esta senhora teria suas razões para zombar do senhor *Belleza*; não sabemos certificar ao leitor se por ter informações dessé *dandy*, ou se, por experiente do mundo; inclino-me a crer que ja *engajada* (como se costuma designar geralmente) fiel e sincera aos seus protestos, não quiz trahir o objecto da suas mais charas afseções. O certo é, que Mr. *Belleza*, julgando esta fortaleza inexpugnável, e convicto de que as suas paredes erão mais rijas, do que os metais de que as suas balas erão fabricadas, mudou de rumo, e dando um *petit promenade*, ruminha em sua imaginação qual hade ser o seu segundo alvo.

Eis-o, que se dirige á senhora D. *Reticencia*, e fazendo-lhe um diplomático cumprimento comeca por dizer-lhe:

— Serei tão feliz, que possa ter o prazer de obter de V. S. a honra de dansar comigo uma quadrilha?..

— Se o senhor assim o deseja... .

— Não só desejo, minha senhora, como confesso que isto me será sobremaneira agradavel.

— Porem...

— Quererá V. S. talvez, recusar-me essa graça.

— E' que...

— V. S. tem pouca vontade de me dar esse gosto.

— Pelo contrario... porem...

— Pois então que motivo embaraça a V. S.

— Eu não sei como dizer-lhe...

— Creio que nada tenho praticado para merecer a desafeção de V. S.; tenho o orgulho de considerar-me sufficientemente polido, para merecer a confiança de V. S.

— Nada... nada... não é isso que pretendo dizer...

— Tenha V. S. a bondade explicar-se.

— Hade disculpar a temidez de meu genio... tenho tanta vergonha...

— Não ha de que corar senhora, muito menos na presençā d'aquelle que sabe ter em grandes estima as suas excelentes qualidades.

— Penso que não terá tanto desejo de dansar comigo, como quer... não devo dizer o resto...

— Essa é galante, minha senhora, a não existir esse desejo que motivo me obrigaria a vir pedir um favor a V. S. e ficarl'ho devendo? ..

— Se me dicesse que contradansa exigia...

— Uma qualquer que V. S. me queira despensar; muito estimaria que fosse ja a primeira se tal podesse aeontecer.

— A primeira?

— Sim, sim, a primeira.

— A primeira?.. é... de primo *Manduca*.

— Nesse caso, será a segunda.

— A segunda?.. está dada a *Otinguim*, um moço que veio com nosco: pediu-m'a no caminho.

— Visto isto, a terceira.

— A terceira?.. Eu muito estimaria; mas... é d'aquelle moço que alli está, de bigodes pretos.

— Então a quarta.

— A quarta?... a quarta tambem não pôde ser, é de *Casusa*.

— A quinta?

— A quinta? está dada... é d'aquelle moço que tem um cravo cor de azeitona, no peito... senão...

— Oh! eu sei que V. S. deseja servir-me, eu é que vim demasiado tarde: será a sexta.

— Meu Deus!.. E' d'um moço que primo *Manduca* disse que dansasse com elle.

— E a setima?

— Se lhe convem...

— Convem-me, pois não. Felizmente não se acabou a semana, sem que eu tivesse a dita de dansar uma contradansa com V. S., par tão interessante: Está tratado; é minha a setima.

— A propósito... vejo essa flor que viçosa ostenta sua belleza, animada pelo calor do peito de V. S... essa flor é um cravo; é talvez uma temeridade, ou mesmo crueldade pedir que m'o ceda, para que eu me não possa enganar com o meu par da setima quadrilha com tudo, eu o faço senhora, ella me serveria de avivar uma bella recordação e merecer-me-hija, por isso uma grande estima. Poderei alcançar esta ventura?

— O senhor, pede com modo... que se não pôde negar.

O senhor *Belleza* tendo alcançado esta victoria se enche de orgulho e continua a sua conquista amatoria.

Elle diz a si mesmo, cheio de inesável prazer: Quanto sou feliz!.. A mesma phrase para todas, e todas agglomeradas ao carro do meu triumpho!..

Finda a *soirée* me perguntareis vós: Quem é o senhor *Belleza*? E eu vos satisfarei respondendo: — *um homem casado!*... —

UM PENSAMENTO DE VIRGEM.

OFFERECIDO Á ILLM. SRA. D. A. M. L.

1.

D'uma montanha, no cimo,
Onde a relva enverdecia,
Vi, bem longe, reclinada
Uma virgem, que dormia:
Pensamentos lhe agitavão
Que o coração lhe affligia.

2

Lisa pedra era seu leito;
 Seus cabellos tão delgados
 'Stavão como em desalinho,
 Pelo collo dispersados:
 Era a pedra muito dura
 Pra seus membros delicados.

3

Coração que a percebesse
 Nunca essa virgem achára;
 Amor lhe sobra no peito,
 E com tudo nunca amará:
 Esse genio paciente
 De esperar desesperará.

4

E no dilirio d'um sonho,
 No dilirio de um momento,
 Talvez pensando no Ceo,
 Veio-lhe um mão pensamento:
 Nutre um desejo cruel,
 É morrer o seu intento.

5

Desperta d'este lethargo,
 Faz os braços estender,
 Ella procura outros braços
 Que os seus venha receber,
 Como se vê solitaria
 Ella deseja morrer ! .

6

E porque tal pensamento?
 Porque idéa tão amará?
 Divulgas tu, por ventura,
 O que a sorte te prepára?
 Vém o bem sem que se espere
 Preza a vida que é tão chara.

7

Se ella, acaso, não durmisse,
 Se eu de perto lhe fallára,

Essa idéa tão sinistra
Eu decerto lhe apagará;
Com palavras de ternura
Eu então lhe perguntára:

8

Porque soffres, bella virgem?
Porque soffres sem gemer?
Pensas tu, pois, que ninguem
Te sabe comprehendêr?
E se soffres, quantas vezes.
Não é tão doce soffrer?

9

Vês o mundo enganador
Com seus visos lisongeiros?
Quantas dores não escondem
Esse risos tão fagueiros?
Quantas lagrimas não vertem
Esse genios prasenteiros?..

10

Tens um coração de virgem,
Uma alma toda bondade,
Deixa as visões que são sombrás
E crê só na realidade;
Tu desejas ser feliz?
Acharás a flicidade.

11

Porque soffres, bella virgem?
Porque soffres sem gemer?
Pensas tu pois que ninguem
Te sabe comprehendêr?
E se soffres, quantas vezes.
Não é tão doce soffrer?..

12

Ha tristezas agradaveis
Como o ceo de um bello dia;
Ha tristezas tão tocantes
Como a tocante alegria;
Com suave doce-amargo
Ha certa melancolia!..

13

Que te falta, bella virgem?
 Nada ainda te faltou;
 E's a flor dos primos dias
 Que á pouco desabrochou.
 Nem alguma borboleta
 Inda as folhas te manchou.

14

Almejas um coração?
 Quem sabe se elle virá?
 Quem sabe, se, pela sorte
 Algum destinado está?
 Quem sabe se algum, no mundo,
 Já por ti palpitará? . .

15

Embala teus pensamentos
 N'uma sagueira esperança,
 A pós as iras do mar
 Sempre apparece a bonança;
 Nem sempre a sorte capricha
 Em mostrar-nos esquivançā.

16

Quantas vezes um batel
 Vê-se quasi a naufragar,
 E de mastos ja partidos
 Inda se chega a salvar?
 E aquelles que naufragárão;
 Salvos, a Deos poem-se a orar! . .

17

Poem em Deos tua esperança
 Que ella não se extinguirá,
 Poem em Deos teu pensamento,
 Que elle te protejerá:
 Algum ente inda no mundo
 A teus pés se curvará.

18

Merito tens na virtude,
 Sabes amor conservar,

Procura pois, com ternura,
Um coração affagar,
Que algum enteinda no mundo
A teus pés se hade curvar.

B. J. B.

E' TUA, A MINHA LYRA.

A ti meus cantos...
A ti, que és só que minha dor acalma;
Ati minha querida,
A ti, que com dutsícos encântos
Harmonisas as chordas de minh'alma,
E das summo prazer á minha vida!..

1

Alma d'esta alma, repara
Quanto te ama o peito meu,
Repara, quanto mè alegra
Um sorrir de labio teu;
Repara como, comtigo,
Sente o peito almo prazer;
Como os ávidos meus olhos
Teus olhos procurão ver!..

2

Repara, como contemplo
De teu peito o'arfar mimoso.
Dás-me amor, dás-me ternura
Sou feliz, sou vênturos!..
Repara, como te busco
Ardendo em fogo violento;
Por ti me abraso de amor
Tu és o meu pensamento.

3

Para a minh'alma é mais grata
De teus labios um sorriso;
Do que as venturas que gosão
Os anjos no Paraizo...
E' teu peito minha Lyra
Teus cabellos cbordas sãos,
Tua voz, a melodia:
E' tua a minha cançao.

B. J. B.

EPIGRAMMAS.

Certo protagonista de deos baccho,
Sectario forte do grão deos das Parras,
Um dia que ôdre enchera em demasia
Preso ficou, da bebedera, ás garras.

Foi chamado um Doutor, a toda pressa,
Que de molestias tæs muito entendia,
A fim de que remedios applicando
Matasse a febre que o doente ardia.

Chega o Medico, emfim tão procurado,
E diz, tomando o pulso do doente:
— Sofre uma sede má, devoratoria,
Em consequencia de uina febre ardente.

— Ah! tenha dó de mim, Doutor clemente,
(Lhe diz o enfermo da cabeça tonta)
Veja se extingue a febre que me mata,
Que a sede ficará por minha conta.

B. J. B.

— Oh amigo, um caso estranho!
Dizia um *papa-jantares*,
Em caza as tortas não prestão,
São boas n'estes logares!.

— Pois não ves; replica o outro,
Eui eu que te convidei;
Em caza tu és que as compras,
Aqui fui eu que as paguei.

E. A. R.

ANECDOTA.

Em uma carta de um sujeito escripta para fóra, a outrem seu amigo, achava-se o seguinte:

P. S. Reinetto lhe uns queijos que não vão por não ter portador.

CHARADAS.

1.^a

N'uma escala sou segunda, } 1
 Quando n'outra 'stou na quinta. }
 Qual é o moço do tóm } 2
 Que, o não faz?.. diga, não mintá. }
 Se o de linha pouco vale, }
 O de espada faz tremér, } 2
 O da vida faz chorar }
 Quando a morte o vem torcer.

Aqui jáz um illustre charadista,
 Um grande, sem igual, decifrador;
 Com a mente, morreu, preocupada
 Que nem a morte lhe causou terror.

2.^a

Sendo um en valho dez } 1
 Em muitas occasões. }
 Fructa sou que não sou má } 2
 Affirmão os comilões.

Opposto a tudo que é liso,
 Offendo a sensibilidade
 Por ser bronco, ser fragozo,
 Ou por não ter igualdade.

3.^a

Ei-la no tribunal... responde afflita }
 A's perguntas que faz Juiz severo: } 1
 Suas faces 'stão lividas myrradas, — }
 Treme do julgador o olhar austero }
 Vê, como salta ligeiro, } 2
 Um laço pretende armar; }
 Mas o outro que é bregeiro }
 Foje, e longe vai gritar.

Como murmura mansinho	Não cesses tua carreira,
Deixando o lugar primeiro!	Sim, percorre o trilho teu,
Parece andar socegado,	Tu és um mimo que aos bosques
E caminha bem ligeiro.	Costuma mandar o Céo.